

RIF Entrevista

DOI - 10.5212/RIF.v.22.i49.0016

O folclore entra na nossa vida antes do nascimento:
uma entrevista com o “coleccionador de Sacis”, Andriolli de Brites
da Costa¹

Folklore enters our lives before birth:
an interview with the “coleccionador de Sacis”, Andriolli de Brites
da Costa

El folclore entra en nuestras vidas antes de nacer:
entrevista con el “coleccionador de Sacis”, Andriolli de Brites da
Costa

David Candido dos Santos²

Elaine Barcellos de Araújo³



Foto: Amanda Crissi

¹ A entrevista com o pesquisador aconteceu na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no dia 4 de junho de 2024, durante o XXVII Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação.

² Jornalista, mestrando bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. E-mail: davidcandidods@gmail.com

³ Jornalista, mestranda bolsista CNPq no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. E-mail: elaine_barcellos@yahoo.com.br

Em 2024, faz 15 anos que Andriolli Costa publicou seu primeiro artigo em uma revista científica e apresentou seu primeiro resumo em um evento, sobre elementos folclóricos. Desde então, o doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) tem dedicado parte de seus esforços e fôlego de pesquisa ao estudo da cultura, jornalismo e folkcomunicação. Atualmente, é presidente (2024-2026) da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) e professor adjunto do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), entre outras atividades e grupos que integra. Andriolli alarga seus interesses de trabalho para o campo de produção jornalística e artística, sendo o criador do site Colecionador de Sacis, do podcast Poranduba, do jogo de cartas Poranduba e produtor do filme “Raízes”, lançado em 2021.

Em visita à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), para participar como palestrante do XXVII Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação, evento científico do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor-UEPG) da UEPG, Andriolli contou à RIF sobre seu trabalho.

Abordamos as seguintes temáticas na entrevista: os saberes tradicionais como conhecimento, os estudos da cultura digital, a visão pejorativa e de relíquia ligada ao folclore e as contribuições da cultura popular para a prática jornalística. Certamente, Andriolli é um dos exímios investigadores contemporâneos das manifestações culturais provenientes da América Latina, especialmente, do Brasil e Paraguai, através de estudos analíticos teóricos e práticos que ajudam a sustentar a presença de uma “latinidade” popular e erudita – em consonância com a temática deste dossiê.



Foto: Amanda Crissi

Revista Internacional de Folkcomunicação: Como o folclore entrou para a sua vida?

Andriolli Costa: “*Como o folclore entra na sua vida?*” é uma pergunta que me fazem muitas vezes. As pessoas esperam que eu diga qual foi a primeira história de Saci que eu escutei, qual foi a primeira narrativa oral que eu me lembro. Na verdade, eu costumo dizer que folclore entra na minha vida da mesma forma que entra na vida de todas as pessoas, desde o nascer, para ser mais preciso, antes mesmo do nosso nascimento. Por exemplo, quando se olha para a barriga de uma mulher grávida e se diz: “*essa barriga está pontuda, vai nascer um menino, essa barriga está redonda, vai nascer uma menina*”, ali você já está atravessando essa existência pelas tradições populares e conhecimento tradicional.

Minha avó fazia uma simpatia muito conhecida para adivinhar o gênero da criança, que é esconder um garfo e uma colher embaixo de almofadas. Onde minha mãe se sentasse, se fosse um garfo nasceria um menino, se fosse uma colher seria uma menina. Então, vejam mais uma vez como essas manifestações já estavam ali presentes. Sempre estiveram presentes. Quando nascemos, nosso *estar* no mundo já é mediado por uma série de redes de saberes, que vão se entrecruzando e confluindo, mas que carregam para cada família, para cada grupo social, sentidos distintos.

Para minha família isso era muito forte, sempre foi. Meu pai, que é um professor universitário hoje, mas que nasce no interior, me levava para visitar minha avó durante toda minha infância, passava de 20 a 30 dias do ano na casa dela, no interior do Mato Grosso do

Sul. Ele apontava os lugares que o Saci tinha perseguido ele e tinha se manifestado, enquanto presença mais que do que física, uma presença material, que se mostrava seja pelo movimento das árvores, seja pelo assovio, seja pelo arrepiar dos pelos do cachorro, do cavalo ou dele mesmo. Conforme eu ia crescendo, ele continuava apontando, ele já estava casado com outra mulher e ela sempre questionava, *“por que você está falando essa bobeira? O menino já é adolescente”*.

Meu pai nunca tratou aquilo como coisa de criança, meu pai também não tratava como uma mera história que ia divertir seu filho. O que meu pai fazia era compartilhar comigo uma experiência intrínseca a vida dele, durante todo o período em que ele esteve junto da minha avó, e se ele não passasse isso para mim, ele estaria negligenciando parte do que era. Quando eu entendo isso, eu chego na universidade com a percepção, dada pelo meu pai e minha família, de que esses temas ligados hoje ao que chamamos de folclore, que muitos vão subestimar, achar que é um conhecimento menor, inferior, pré-científico, deslocado no tempo, anacrônico, ligado às primeiras infâncias ou aos mais velhos, aos iletrados, não são coisas de criança, é coisa de brasileiro, coisa de ser humano em última instância.

Como venho descobrir depois, que todos os povos são atravessados por esse tipo de conhecimento, que conhecimento é esse? Conceito de racionalidade, que é diferente da irracionalidade, você escapa do racional, não nos interessa o racional. O que nos interessa é o sensível, o inefável, como esse conhecimento nos conecta afetivamente uns aos outros e dentro de uma lógica própria.

Por isso não usamos irracional, porque há uma lógica, há uma explicação que atravessa todos esses elementos. É um conhecimento que vem da experimentação prática, então você faz um ato mágico na tentativa de afetar a realidade, e se afeta, você continua fazendo. Esse conhecimento não é anacrônico, ele é presente, é sim fruto de raízes tradicionais e raízes do passado, mas diz respeito sempre aos nossos tempos. Quando não faz sentido ele vai deixando de existir ou ele vai se transformando, ele vai convergindo em outra coisa, mas ele nunca é anacrônico, sempre persiste. Dentro dessa persistência ele aponta, e esse é um entendimento meu, que se abirmos os olhos vamos entender os caminhos do futuro, olhando para os saberes tradicionais. Todos os saberes têm lugar. Que lugar é esse e como ele se posicionou no mundo, é nosso trabalho investigar.

RIF: Com as mudanças tecnológicas, os meios e ferramentas de expressão se reconfiguram, vemos então a cultura digital surgir no horizonte das pesquisas. Como você vê a confluência entre os estudos da cultura popular com a cultura digital?

AC: É uma necessidade, nós no Brasil estamos muito atrás nisso. Nos Estados Unidos, desde 1995 já se fala em *memética* dentro do *folk*, que é o estudo dos memes que surge da derivação da genética, do Richard Dawkins. Em 1995 já tem artigos incitando os pesquisadores de folclore a entenderem o que são esses memes enquanto ideias replicáveis. Estudos de internet também vão sempre tentando compreender esses fenômenos. Nos Estados Unidos, eles vão chegando no digital com força, entendendo coisas como *correntes de internet* e esses grandes boatos que surgem pelas redes sociais e se espalham, como manifestações folclóricas. Então, tudo o que diz respeito a esse nosso comportamento, essa nossa forma de compreensão de fenômenos que atravessam o popular, devem ser objetos de nossos estudos, sejam eles no mundo físico, seja no mundo digital. Isso exige algumas reflexões que ainda precisamos tensionar. Se pensarmos na lógica dos algoritmos, “*como os algoritmos podem ser gatekeepers dessa comunicação online?*” O questionamento é que se temos uma potência folkcomunicativa na internet, enquanto divulgador de fatos folclóricos, isso é bom. Mas se o algoritmo está mediando isso, então quer dizer que a técnica está controlando a forma como nós partilhamos a nossa cultura. Com isso, a invisibilidade da bolha algorítmica pode fazer com que aquilo não chegue a lugar nenhum.

RIF: Como podemos estancar esse processo de invisibilidade da bolha algorítmica contra a conexão entre o saber popular e sociedade?

AC: É muito cruel, mas o que podemos fazer é ação individual. Propositivamente, ir atrás do que nos interessa, resistir ao que o algoritmo nos oferece e tentar ir além. Às vezes temos interesses específicos que não são os interesses do mercado; por isso é preciso uma ação voltada especificamente para que se fure essa bolha. Senão, como vemos, a técnica toma para si as decisões; o *machine learning* faz com que o algoritmo vá se engendrando, ele tira das nossas mãos a capacidade de decisão. Então precisamos agir ativamente, reportando aquilo que não é adequado. A própria ação pessoal de repórter também é o que me leva para o jornalismo cultural. Se pensarmos no Jorge Pedro Souza, pesquisador nas áreas de História do Jornalismo, Teoria do jornalismo, Fotojornalismo e *Newsmaking*, ele vai falar sobre o conjunto

de forças que atuam para a construção da notícia, entre elas a ação social, cultural técnica e a ação pessoal do repórter. É claro que a ação pessoal do repórter, muitas vezes vai ser do seu desejo de enfrentar algo que a sua editoria ou a sua instituição não apoia. Será você batendo nessa pauta até que ela entre, aí quando entra esse movimento tem uma repercussão.

RIF: Esse trabalho com a cultura popular, além de nostálgico, segue sendo entendido pelos agentes sociais como "mentira", "invenção", designando algo fantasioso. Como ativista do folclore brasileiro, que pesquisa e compartilha esses conhecimentos há no mínimo 15 anos, que sensação traz essa visão pejorativa?

AC: É desgastante. Eu até escrevi uma vez que assim como existe a divulgação científica, temos que agir para fazer uma divulgação folclórica. A partir de certos preceitos, cuidados, atenções, comunicamos e espalhamos essa comunicação sobre elementos da cultura popular tradicional, com todas as reflexões necessárias. Porque é muito fácil só pegar, por exemplo, um relato dos anos 1950, dos anos 1930 e replicar, isso não é o bastante, precisamos contextualizar, porque senão podemos dar voga a textos que podem ser carregados de racismo, de questões de exclusão de gênero. Mas o *folk* é sempre presente, ele existe porque aquela sociedade partilha ou não de certos valores, então se ela deixa de partilhar de valores e elementos, eles perderão sentido e serão tensionados para se transformar em outra coisa.

RIF: Como podemos relacionar o jornalismo com folclore e tornar essa relação uma práxis cotidiana na produção jornalística?

AC: O primeiro passo é a questão de virada epistêmica. Se, ao fazer o seu trabalho, você já tem o entendimento de que é um saber menor, não vai funcionar. Você tem que estar disposto a escutar aquelas pessoas. Despir-se da ideia de que está ouvindo algo que é invisível, fictício, ilógico, e comungar daquela comunidade. Então a primeira etapa é *pensamento*. A segunda etapa é *ir ao povo*, o campo. Então, se você só lê, você vai ter sempre um relato de segunda mão e um relato que é sempre um registro de um tempo pretérito. Já a terceira etapa é *reflexão*. Se você só registra é pouco, está negligenciando a nossa função se não olharmos para esse fenômeno e refletir qual é o lugar disso na sociedade, esse tensionamento sobre o que ainda faz sentido. Quando fazemos esses três movimentos:

primeiro de mudança de perspectiva e afeto, segundo de ir a campo, terceiro de refletir sobre essa experiência, vamos conseguir fazer um trabalho jornalístico mais completo e complexo.

Referências

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.